

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Estados de São Paulo

Class.: 261

Data: 29.11.83

Pg.: \_\_\_\_\_

**Mulher do líder indígena  
190  
mandou matá-lo: ciúmes**

**Do correspondente em  
CAMPO GRANDE**

A mulher do índio Marçal de Souza, que reside em Dourados e cujo nome a polícia ainda não apurou, foi a mandante do assassinio do líder indígena sexta-feira à noite, na aldeia Campestre, no município de Antônio João, no Mato Grosso do Sul. Ela, segundo nota divulgada ontem pela Casa Civil do Governo do Estado, baseada em informações preliminares da Secretaria da Segurança Pública, contratou "João Bugre" ou "João Chamame" para matar seu marido.

O autor dos cinco disparos que mataram Marçal de Souza, 63 anos, é descendente de índios, conforme esclarecimentos do capitão da aldeia, identificado como Alziro, e ainda está na região, não tendo seguido para o Paraguai, de acordo com as primeiras informações. Ontem à noite, ele estava cercado por policiais civis, militares e da Polícia Federal e sua captura era esperada para qualquer momento.

Ainda segundo a nota divulgada pela Casa Civil do governo Wilson Barbosa Martins, a mulher de Marçal de Souza planejou matá-lo porque

ele vivia amasiado com outra, conhecida como Alcelina de tal.

O delegado da Funai no Mato Grosso do Sul, Amaury Motta de Azevedo, afirmou que todos os indícios comprovam que houve premeditação para que o crime fosse cometido. Um relatório apresentado pelo chefe do posto indígena de Amambai, Valdevino Bravim, diz que dois homens foram até a enfermaria da aldeia Campestre e procuraram por Marçal, que trabalhava no local como atendente de enfermagem. Pediram-lhe um remédio, não sem antes perguntar "quem é Marçal". O líder indígena disse que não tinha no momento aquele medicamento, mas poderia providenciá-lo. Em seguida, um dos homens respondeu: "Não é preciso", fazendo os cinco disparos que mataram Marçal na hora.

Para o delegado da Funai, a desculpa do remédio foi apenas para identificar ou confirmar quem era Marçal: "Ainda é cedo para deduções, mas todos os indícios demonstram que este crime sugere uma premeditação. Informações de várias pessoas dizem que o líder indígena não tinha nenhum problema pessoal com o assassino, nem tampouco o conhecia".

Ontem, ainda segundo o delegado da Funai, dois agentes da Polícia Federal de Ponta Porã, o técnico indigenista Lúcio Flávio e o chefe do posto de Amambai, Valdevino Bravim, e o advogado da Funai, Edmundo Cordeiro, seguiram para a área, onde mais tarde juntaram-se às equipes das polícias Civil e Militar para prender o assassino e um suposto acompanhante seu na hora do crime.

Na aldeia Campestre o clima era de tensão entre os índios devido ao assassinato, considerado "um ato bárbaro". Marçal era muito querido de todos, não somente na aldeia, onde desde criança até os velhos tinham grande simpatia e respeito por ele, mas também em outras tribos e aldeias da região sul de Mato Grosso do Sul: "Ele sempre esteve presente em questões nas quais os índios estavam envolvidos, sendo uma espécie de porta-voz. Até mesmo representou sua raça numa reunião na Organização das Nações Unidas (ONU) e também quando o papa esteve no Brasil. Foi ele que, em nome de todos os indígenas, entregou a João Paulo II uma carta contendo várias reivindicações dos índios", contou o delegado Amaury Motta de Azevedo.